



Páginas 4 e 5

MULHERES SÃO MAIORIA NA LINHA DE FRENTE DO COMBATE À PANDEMIA

ADUFPeI

A Seção Sindical questiona a administração da UFPel sobre a avaliação do Calendário Alternativo e do Ensino Remoto Emergencial.

Página 3

Cultura

As dicas de quatro filmes, do documentarista argentino Carlos Pronzato, sobre as lutas sociais no Chile, para assistir no isolamento social.

Página 6

Vida Docente

Duas docentes dos cursos de Teatro e Dança da UFPel adaptam projeto presencial e lançam a websérie de comédia Shirley & Deisê.

Página 7

Democracia e Capitalismo: bom pra quem?

A estabilidade social e econômica de uma sociedade do sistema capitalista esbarra em alguns elementos fundamentais. A globalização da economia levou à reorganização da produção e circulação de mercadorias e de capitais, na lógica de acumulação financeira, separando o mercado da dimensão nacional e do poder político estatal.

A origem do capitalismo está vinculada aos estados monárquicos e autocráticos, onde se impunha a necessidade de preservação dos direitos de propriedade da classe capitalista. As mudanças tomaram corpo a partir das revoluções nos Estados Unidos e França (século XVII). A Revolução Francesa pôs fim à monarquia, mas o sufrágio universal só se tornou realidade em 1946.

A classe dominante (capitalista) temia a perda de seus privilégios na medida em que a luta pela democracia avançasse. Havia uma massa sem direito a voto, mas responsável por parte da economia, que tensionava por algum tipo de participação, e acabou por estabelecer uma ordem social adequada para o capitalismo.

Após a I Guerra Mundial, com o capital fragilizado, cresce a perspectiva do Estado de bem-estar e a regulação do processo econômico por parte do Estado, acatada (ainda que com contrariedade) pela classe dominante.

Entretanto, o tensionamento em função da redução de acumulação do capital, da redução das taxas de crescimento econômico, aumento da inflação e outros elementos, traz de novo ao cenário a necessidade da acumulação do capital. Inicia-se um processo de desmonte do Estado e das políticas sociais a partir dos Anos 70, e de ataque frontal às entidades de classe, especialmente aos sindicatos. As desigualdades sociais se intensificam, e o neoliberalismo se evidencia. No cenário atual, vivemos o risco à democracia, ainda que ESTA democracia atrelada ao capital. A via eleitoral não tem permitido mudanças nas decisões básicas da vida econômica. Os mitos crescem, os desequilíbrios macroeconômicos favorecem as políticas que freiam o crescimento e intensificam a desigualdade. O descrédito nos serviços e servidores públicos se acentua, os interesses corporativos do capitalismo financeiro se ampliam e temas como corrupção e a violência são banalizados como a própria vida das pessoas, evidenciada

neste momento de pandemia.

“O capitalista pode despedir um operário, mas o contrário não é possível. Por isso, o capitalismo e a democracia não são irmãozinhos gêmeos”, afirmou o economista mexicano Alejandro Nadal, em artigo publicado por La Jornada. Talvez em função disso, o

neoliberalismo não titubeie em rasgar todo e qualquer princípio democrático para salvar o capital.

Nossa tarefa é árdua, difícil e em condições desiguais. Mas não temos dúvidas: a classe trabalhadora haverá de se impor, na luta, cotidianamente. Avante!

EXPEDIENTE ADUFPEL

Comunicamos que, em função da evolução da pandemia de Covid-19, permanece suspenso o atendimento na sede da ADUFPEL por tempo indeterminado.

O atendimento segue virtualmente, das 8h às 12h e das 14h às 18h, através dos e-mails:

secretaria@adufpel.org.br

andrea@adufpel.org.br

rafael@adufpel.org.br

ou pelos telefones: (53) 98405-3726
/ (53) 98448-5862



EXPEDIENTE

Jornal VOZ DOCENTE / Publicação da Associação dos Docentes da UFPEL - Seção Sindical do ANDES-SN (ADUFPEL) . Tiragem: Digital (excepcionalmente durante a pandemia de COVID-19)

Redação: Gabriela Venzke (MTB 0016368/RS) e Mathias Rodrigues (MTB 10126/PR) Diagramação: Mathias Rodrigues Fotografias: Acervo e Assessoria ADUFPEL e ANDES-SN. Capa: Imagem de Kdkiara.

Presidenta: Celeste dos Santos Pereira . **Primeira Vice-Presidente:** Angela Moreira Vitória (Afastada a partir de 04.06.2020 a título de desincompatibilização nos termos da Lei 64 de maio de 1990).

Segundo Vice-Presidente: Francisco Carlos Duarte Vitória . **Secretário Geral:** Miriam Cristiane Alves . **Primeiro Secretário:** José Carlos Marques Volcato.

Segunda Secretária: Larissa Dall'Agnol . **Primeiro Tesoureiro:** Robinson Santos Pinheiro . **Segundo Tesoureiro:** Avelino da Rosa Oliveira .

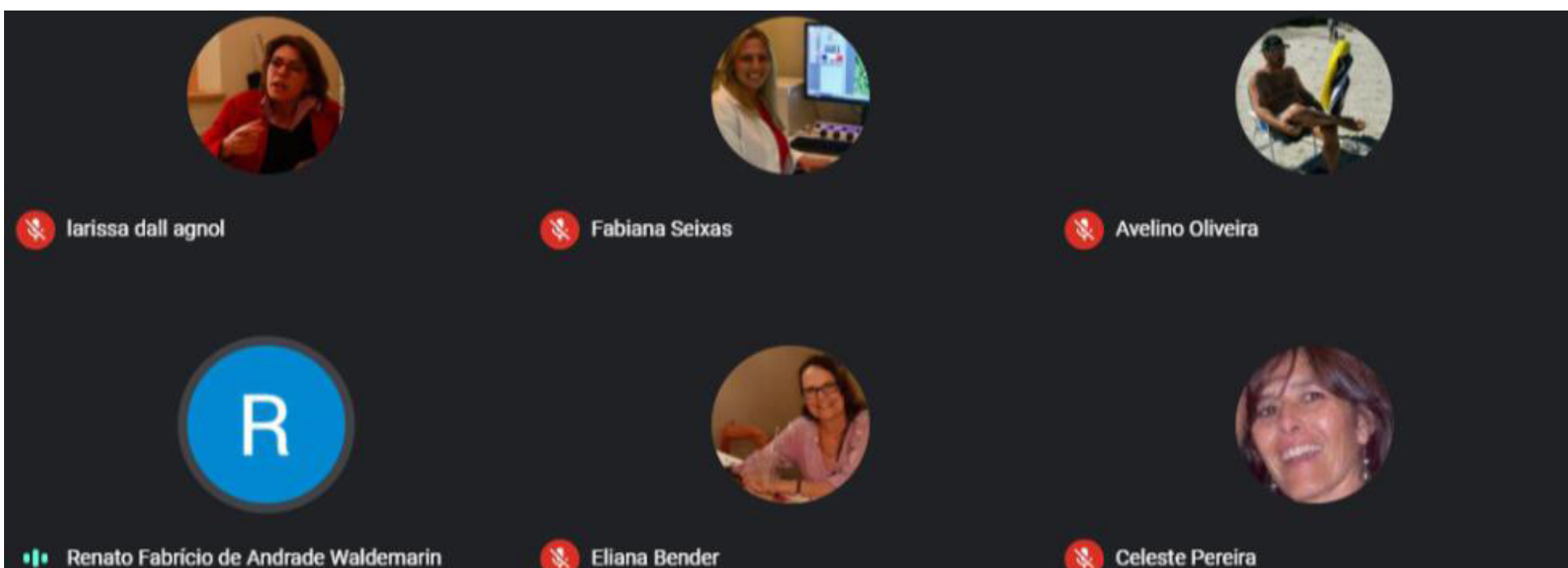
Terceiro Tesoureiro: Giovanni Ernst Frizzo (Afastado a partir de 04.06.2020 a título de desincompatibilização nos termos da Lei 64 de maio de 1990).

CONTATOS . Site: adufpel.org.br . **Email:** secretaria@adufpel.org.br . **Facebook:** /adufpel . **Endereço:** Major Cícero de Góes Monteiro, 101 - Centro - Pelotas . **Cep:** 96015-190 .

Telefone: (53) 3227.2360 **Colaborações e sugestões para o jornal:** imprensa@adufpel.org.br

ATENDIMENTO EXTERNO: suspenso durante pandemia de COVID-19. Procure a ADUFPEL-SSind por meios digitais das 8h às 12h e das 14h às 18h.

ADUFPel questiona avaliação do Calendário Alternativo



A cidade de Pelotas já convive com a pandemia de Coronavírus (Covid-19) há mais de 6 meses. Nesse período, até 10/9, foram registrados oficialmente 3131 casos e 101 óbitos, e quase 90 pessoas estão internadas na rede de saúde local. Enquanto isso, a Universidade Federal de Pelotas segue tentando buscar um rumo para a manutenção de suas atividades à distância.

Em maio, com pouca discussão na comunidade acadêmica, os Conselhos Superiores aprovaram e instituíram o Calendário Alternativo. Com aulas e outras atividades por Ensino Remoto Emergencial (ERE), o período, que seria de teste, terminou em 12 de setembro. A reitoria da UFPel já sinalizou que deve apresentar um novo calendário e que, pelo menos até 31 de dezembro, as atividades presenciais estão suspensas.

No entanto, a categoria docente segue com muitas dúvidas sobre o processo, algumas delas explicitadas nas últimas Assembleias Gerais da ADUFPel. Segundo Avelino Oliveira, da diretoria da Seção Sindical, há preocupação com a possibilidade de início de um novo semestre de atividades acadêmicas. “Há preocupação e perplexidade. Foram feitas várias experiências e testes sobre novas possibilidades de ensino que pudessem aproximar alunos e professores neste momento de pandemia. Houve coisas interessantes e percalços. Agora, diante da possibilidade de iniciar um novo semestre, jamais poderíamos imaginar que, em um ambiente universitário, se possa iniciar um semestre sem avaliar com profundidade aquele que passou”, comenta o docente.

Para Avelino, chega a ser irônico que, em um ambiente universitário que deveria prezar pelo método científico, as decisões sejam tomadas sem a devida avaliação do processo anterior. “A administração central não proporcionou processo de avaliação profunda com a comunidade acadêmica. Mostraram slides com dados quantitativos, que podem ser questionados e melhor avaliados. Não foi avaliada a participação dos professores, dos alunos, as opiniões, os sentimentos. Se não fosse trágico, seria uma ironia isso ocorrer em um ambiente universitários”, critica.

“Nem sabemos o que é o próximo semestre. É

a retomada do 2020/1? É um novo semestre alternativo? Onde se pretende chegar com esse novo semestre? A diretoria da ADUFPel acredita que não se sabe para onde estamos indo, porque não houve avaliação”, completa Avelino.

Falta de normas para o momento

A categoria docente também tem questionado a inadequação normativa da UFPel para o período. Os problemas são vários, porque o regramento do funcionamento da universidade é todo voltado ao período da “normalidade”. As normas de ensino servem para as aulas presenciais e para o Ensino à Distância (EAD), mas não para o Ensino Remoto Emergencial (ERE).

“Todo regramento que se aplicava antes, não se aplica agora. E o que fez nesse semestre de teste a reitoria? Nada. Jogou para os professores o semestre para melhor se prepararem, para os alunos verem como se adaptar, mas não preparou a universidade para enfrentar o período de ensino remoto”, avalia Avelino.

O diretor da ADUFPel também cita a insegurança jurídica e trabalhista que os professores enfrentam. “Outro aspecto que traz preocupação é que a maioria dos docentes constam em “afastamento Covid”, em uma atividade que não conta para fim de aposentadoria. As atividades

feitas nesse semestre, como serão computadas na vida funcional? Os professores que optaram por não oferecer componentes curriculares e só ofereceram projetos temporários, os projetos serão suficientes para a carga? Quanto desses projetos valerá para horas-aula? Como isso conta para férias? Todas as questões relativas à vida funcional estão em dúvida”, afirma.

ADUFPel quer avaliação coletiva e mais diálogo

A Seção Sindical está cumprindo seu papel de aprofundar o debate sobre os problemas do momento junto à categoria. Além de duas Assembleias Gerais realizadas de forma virtual, houve também reuniões ampliadas do Conselho de Representantes para discutir o Calendário Alternativo e o futuro da UFPel nos próximos meses.

A partir dos debates, a ADUFPel passou a questionar a Reitoria e os Conselhos Superiores sobre a avaliação profunda do Calendário Alternativo. “Partimos para o momento de questionamento para a administração e, até o momento, só obtivemos respostas vagas e pouco elucidativas. Continuamos navegando em mares de incerteza. Teremos que tomar novas atitudes”, completa Avelino Oliveira.



Maioria na linha de frente do combate à Covid-19, trabalhadoras da saúde enfrentam desgaste físico e mental

Na linha de frente da Covid-19, as trabalhadoras da saúde estão entre os grupos mais expostos e vulneráveis às consequências físicas, emocionais e psicológicas da pandemia. No trabalho, encaram rotinas exaustivas, nas quais o foco é o tratamento do próximo. Porém, esse cuidado as expõe a inúmeros riscos, inclusive, o de perder a vida.

Desde o início da pandemia, mais de 200 profissionais de saúde morreram e outros 257 mil foram infectados pelo novo coronavírus. Os dados foram apresentados pelo Ministério da Saúde em entrevista coletiva no dia 24 de agosto.

As categorias mais vitimadas foram técnicos e auxiliares de enfermagem (38,5%), médicos (21,7%) e enfermeiros (15,9%). Entre os casos de Covid-19, os mais atingidos foram técnicos e auxiliares de enfermagem (34,4%), enfermeiros (14,5%), médicos (10,7%) e agentes comunitários de saúde (4,9%).

De acordo com o Observatório da Enfermagem, os números de óbitos de trabalhadores da saúde já alcançaram, na data de fechamento desta edição do jornal Voz Docente, 376, com letalidade de 1,84%. A maioria (63,30%) ocorreu entre as mulheres, que também representam 85,03% dos casos de contaminação.

Pandemia acentua desigualdade de gênero

Segundo o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), dentre os efeitos imediatos dessa pandemia, é acentuada a desigualdade de gênero e a piora da qualidade de vida das mulheres. Há

predominância das mulheres na força de trabalho da saúde e no combate à Covid-19 em nível global. Cerca de 70% das equipes de trabalho em saúde e serviço social são compostas por profissionais do sexo feminino, incluindo, além de médicas, enfermeiras, parteiras e trabalhadoras de saúde da comunidade.

No Brasil, conforme aponta o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS), com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres representam 65% dos mais de seis milhões de profissionais atuantes no setor público e privado de saúde, em todos os níveis de complexidade da assistência. Em algumas carreiras, como Fonoaudiologia, Nutrição e Serviço Social, elas ultrapassam 90% dos profissionais e em outras, como Enfermagem e Psicologia, representam mais de 80%.

O que explica números tão elevados de Covid-19 no Brasil?

São diversos os fatores, que incluem falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) adequados, sucateamento da saúde pública, sobrecarga de trabalho. Circulam relatos, imagens e vídeos de trabalhadoras e trabalhadores atuando sem avental, viseira, máscaras adequadas, luvas e álcool em gel. A situação acende um alerta, pois o afastamento desses profissionais pode comprometer ainda mais o sistema de saúde, que já colapsou em diversos lugares.

Além disso, os trabalhadores em geral, incluindo os da saúde, têm sido impactados com Medidas

Provisórias que flexibilizam as condições de trabalho. Entre elas, a MP 936/2020, que prevê a possibilidade de redução de salário por meio de uma negociação individual entre o trabalhador e empregador.

Não bastasse o risco de morte e as condições muitas vezes precárias, esses profissionais ainda tiveram de lidar com o incentivo, por parte do presidente Jair Bolsonaro aos seus apoiadores, para invadirem hospitais e documentarem a ocupação dos leitos.

Trabalhadoras de Pelotas

Em Pelotas, a situação não é diferente. Enquanto o poder público cede às pressões do empresariado e não toma as medidas necessárias para conter a Covid, há centenas de médicas, enfermeiras, técnicas de enfermagem, entre outras profissionais, trabalhando diariamente nas unidades de saúde para defender a população.

É o caso de Maria Laura Silveira Nogueira, médica da Secretaria Municipal de Saúde há 24 anos, que atua na UBS Simões Lopes e também na preceptoria da UBS CSU do Areal. Ela que conta que, no início da pandemia, a situação foi difícil. “Foram mudanças grandes de rotinas individuais e coletivas. Até para nos acostumarmos com o uso dos EPIs foi difícil. Recebemos EPIs de qualidade ruim, inicialmente, e em pouca quantidade, o que gerou muita insegurança e ansiedade nos funcionários em geral”, comenta. Segundo ela, atualmente os EPIs são de boa qualidade e em quantidade adequada, e não faltam materiais de proteção. “Tem funcionários de higienização que trabalham incansavelmente

Imagem: EBC



Imagem: Prefeitura de Recife



para manter o ambiente adequado e seguro. Estamos trabalhando de acordo com estratégia da SMS, com atividades diferentes nos turnos de trabalho”, completa.

Para Renata Lemos, enfermeira do Hospital Escola e da Prefeitura, que no momento está afastada do trabalho presencial por fazer parte do grupo de risco, mas encontra-se encarregada de outras tarefas, no início da pandemia os materiais que chegavam nas Unidades de Saúde eram de má qualidade. No entanto, isso foi melhorando com o tempo, mas em um período maior que o ideal. Conforme explica, ainda nem todos os materiais que chegam são suficientes. Faltam, muitas vezes, pilhas e baterias para utilização em termômetros e outros equipamentos, por exemplo. “Então é uma luta e essa necessidade diária”.

Desgaste mental e ansiedade

No momento em que o foco é dar tudo de si para cuidar dos pacientes infectados, falta também amparo à saúde mental dos que estão na linha de frente. Jacqueline da Silva Coppa, técnica de enfermagem da UBS Simões Lopes há seis anos, reafirma que na unidade não há falta de equipamentos. “Há bastante desgaste, tanto físico quanto mental, mas fazemos o máximo para aliviar a tensão de trabalho. Por vezes, a sensação é de “enxugar gelo”, mas não podemos desanimar”, diz, referindo-se a parte da população e do poder público que ignoram as orientações sanitárias de isolamento.

“Mudou muita coisa, tal como calçados e roupas mais higienizadas, sem passeios, sem ajuntamentos familiares. É uma nova forma de vida, que é indispensável. Tomara tudo isso passar e chegar a nossa vacina”, completa Jacqueline.

A médica Maria Laura Silveira Nogueira também acredita que a maioria dos trabalhadores da saúde esteja, no mínimo, ansiosa com essa nova realidade. “Mas não creio que seja exclusividade

do nosso setor. Ainda não presenciei alguma situação grave, mas acredito que se houver, vai ter o apoio necessário, em ambas as instituições”, cita.

“A Pandemia veio como um terremoto para todo mundo. Nada mais vai ser como antes. Tudo tem peso diferente do que tinha antes. A grande tentativa é fazer diferença em cada atendimento, tentando sanar dúvidas, esclarecer medos e oferecer o que a ciência nos permite na atualidade”, conclui.

Descaso do poder público

De acordo com a enfermeira Renata, com toda a vivência dos demais países, onde começaram os primeiros casos, o Brasil deveria estar mais preparado atualmente no combate à pandemia. “Infelizmente não se fez muito e o sistema público não está de acordo com seus gestores para responder a essa demanda de uma forma eficaz. Estamos na mão de governantes que não respeitam a vida, que são incapazes de realizar o seu trabalho. E de uma forma geral, o Brasil não está preparado, não se preparou em todos os níveis de gestão, nacional, estadual e municipal. O Brasil escolheu nas urnas, infelizmente, o que a gente está colhendo agora como país, uma situação tão grave para humanidade”.

Conforme salienta, em Pelotas, as ações do governo nunca foram suficientes para o controle do vírus. Isso resultou em baixa adesão ao isolamento, que nunca chegou ao ideal e, hoje, as consequências são visíveis: no aumento significativo de casos e óbitos, e na superlotação de leitos de UTI adultos. “E isso tudo demonstra que a saúde está trabalhando sob muita pressão e certamente não está dando a resposta necessária a esse momento”.

Hospitais psiquiátricos do RS enfrentam surto de Covid

O descaso dos governos também tem resultado em surtos de Covid-19 dentro de hospitais,

como, por exemplo no Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre, e no Hospital Colônia de Itapuã, em Viamão. Há pelo menos 57 pacientes e 38 trabalhadores contaminados, além de 8 óbitos, dentro das duas instituições, ambas administradas pelo governo do Rio Grande do Sul. Diante da gravidade da situação e da falta de informações do poder público, o Fórum Gaúcho de Saúde Mental (FGSM) protocolou uma medida cautelar na Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH). A medida cautelar pede que a CIDH, órgão da Organização dos Estados Americanos (OEA), exija do governo medidas para solucionar o problema.

Entre as denúncias do FGSM estão: a falta de equipamentos de proteção individual, de higiene e limpeza; a falta de testes; a ausência de protocolos sanitários; o uso de medicamentos não reconhecidos cientificamente; e, principalmente, falta de transparência do governo na prestação de contas à sociedade.

Fátima Fischer, psicóloga e militante do Fórum, critica a omissão do poder público. “Faltam materiais de higiene pessoal e de proteção. Desde março, o Fórum Gaúcho de Saúde Mental busca informações junto ao poder público. Estamos angustiados com a situação e com a falta de qualquer informação e transparência. Há uma omissão do Estado em garantir o cuidado e respeitar o direito dos usuários e dos trabalhadores”, afirma.

Larissa Dall’Agnol da Silva, diretora da ADUFPeL e também militante do FGSM, ressalta que o Estado precisa tomar medidas para proteger a vida dos trabalhadores e dos pacientes. “Lamentamos a estrutura precária dos hospitais. Há a hipervulnerabilidade das pessoas nesses locais. Pessoas com comorbidades diversas, com deficiências físicas e com necessidades especiais. As medidas precisam ser tomadas. O Fórum entende que é necessário precisar a vida das pessoas”, comenta.

As lutas do povo chileno pelas lentes do cineasta Carlos Pronzato

O argentino Carlos Pronzato vive há décadas na cidade de Salvador (BA), onde produziu mais de 70 filmes, a maioria documentários, sobre a história da América Latina e as lutas dos povos do continente. Sua prolífica carreira teve início em 1999 com um curta ficcional sobre Canudos e logo deu origem à produtora La Mestiza Audiovisual.

Nascido na cidade de Buenos Aires em 1959, Carlos começou a estudar em seu país natal antes de empreender uma viagem pela América, a partir do México, que terminou 6 anos depois na Bahia. Em entrevista ao jornal Brasil de Fato RS, o cineasta afirmou que foi um momento “de vivências em diversos ofícios e aprendizados”. Na capital baiana, formou-se em direção teatral. Salvador foi tema de seu primeiro documentário, Maio Baiano (2001), que retratou as grandes mobilizações na cidade contra Antônio Carlos Magalhães depois do “Escândalo do Pánel”. Os atos de rua culminaram na renúncia de ACM à sua cadeira no Senado Federal. Pronzato, ao longo de sua carreira, abordou muitos outros temas, do Brasil e de países vizinhos.

Destacam-se obras sobre a Greve Geral de 1917, as Jornadas de Junho, a vida de Carlos Marighella, a morte de Che Guevara na Bolívia, a luta da mãe da Praça de Maio na Argentina, a batalha contra a privatização da água boliviana, entre muitos outros temas. A maioria dos documentários de Carlos Pronzato podem ser adquiridos no site <http://www.lamestizaaudiovisual.com.br> e alguns dos filmes estão inteiros no Youtube.

Para Pronzato, o papel de seus documentários é agir como espaços de memória e resistência. “Às vezes, a abordagem de um tema esquecido ou pouco divulgado faz renascer experiências de lutas operárias, camponesas, estudantis, que impulsionam os processos atuais e considero esse o principal elemento de resguardo e utilização da memória. Principalmente nestes tempos políticos sombrios em que há uma tentativa impulsada desde as três esferas do governo federal de destituir a História da realidade dos fatos e criar novas narrativas

fantasiosas para iludir milhões de pessoas, onde as mentiras oficiais chegam até a propor que nem a ditadura militar existiu, dentre tantas outras barbaridades”, comentou em entrevista ao Brasil de Fato RS.

Chile

Laboratório do neoliberalismo na América e no mundo, o Chile foi retratado em diversos filmes do cineasta justamente pelo papel paradoxal do país, tanto nos ataques aos direitos sociais, quanto pela lutas populares vanguardistas e de massa. O jornal Voz Docente separou 4 filmes de Pronzato sobre o Chile para serem assistidos no isolamento social.

Buscando a Allende

Lançado em Santiago no ano de 2008, durante as celebrações do centenário de nascimento de Salvador Allende, o filme busca fazer um balanço do que foi o governo do presidente socialista no país e de quais foram as razões que levaram ao Golpe de Estado de 11 de setembro de 1973.

Pronzato inicia o filme questionando onde, de fato, nasceu Salvador Allende. Santiago ou Valparaíso? A partir daí, começa a entrevistar pessoas que o conheceram, que trabalharam em seu governo ou que militaram pela Unidade Popular (UP).

Com “Buscando a Allende” o cineasta procura analisar o que deu certo e o que deu errado na “via chilena” do socialismo, um dos poucos projetos políticos de esquerda radical que teve início com uma vitória eleitoral, mas que rapidamente foi derrotado pela reação da direita e deu lugar a anos de ditadura de Augusto Pinochet.

A Rebelião dos Pinguins

Muito popular no movimento estudantil brasileiro, o filme A Rebelião dos Pinguins (2007) aborda a luta dos estudantes chilenos contra o sistema deixado pela ditadura de Pinochet no sistema educacional do país. A partir da onda de ocupações de escolas do ano de 2006, Pronzato retrata os problemas chilenos muitas vezes

deixados de lado na imprensa hegemônica.

A educação foi alvo prioritário das reformas neoliberais da ditadura chilena. Seu sistema foi muito precarizado e toda a educação superior foi privatizada, o que acabou levando a um enorme endividamento dos estudantes chilenos que quiseram entrar na universidade. Essa foi a razão que levou mais de um milhão de pinguins (os estudantes da rede básica, em referência aos uniformes que lembram o pássaro) a iniciar as mobilizações naquele ano.

Quase 15 anos depois, o problema não só não foi resolvido, como a situação da educação chilena piorou. Outras ondas de mobilizações ocorreram no país e “derrubar a educação de Pinochet” segue sendo uma palavra de ordem em voga por lá.

Mapuches, un pueblo contra el Estado

No documentário de 2010, Carlos Pronzato vai até o território Mapuche de Walmapu, no Chile. A etnia, que vive na região andina, tanto do lado ocidental quanto no que hoje é a Argentina, tem uma das maiores populações indígenas do continente e segue lutando por suas terras e pela sobrevivência.

Os territórios de Walmapu foram submetidos ao domínio chileno e argentino no final do século XIX. A luta dos mapuches é pelo direito à auto-gestão de suas terras, em contraponto às sucessivas tentativas de uso por empresas transnacionais, em convivência com o poder público. Pronzato denuncia, em seu filme, as violações dos direitos humanos do povo mapuche, perseguido politicamente pelo Estado chileno.

Piñera, a guerra contra Chile

Lançamento mais recente do documentarista, o filme de 2020 mostra a situação atual do Chile, em especial após a onda de protestos do final de 2019 contra os muitos resquícios da ditadura pinochetista no país.

Tudo começou quando as passagens de metrô de Santiago aumentaram 30 pesos, e logo os protestos se espalharam pelo país, amplificando as revoltas contra a desigualdade social fruto de décadas de neoliberalismo. “Não é por 30 pesos, é por 30 anos”, era a palavra de ordem dos manifestantes.

Em meio às manifestações, o presidente Sebastián Piñera declarou que o país “estava em guerra contra um inimigo poderoso”. Em seguida, decretou o estado de emergência e chamou os militares para reprimir a população.

“Causou uma forte impressão num país que sofreu um dos piores e mais sangrentos golpes de estado (1973) com o bombardeio de La Moneda. Porém, os tanques saíram rapidamente de cena, permanecendo o controle da comoção social sob as balas, o gás lacrimogêneo e a crueldade dos Carabineros de Chile, corporação odiada e enfrentada a peito aberto pela população nas ruas”, comenta o diretor, em texto publicado pelo Sindicato dos Bancários da Bahia. Ao final dos protestos, houve mais de 30 mortos e 2500 presos políticos, foram os milhares feridos.



Imagem: TelesurTV

Shirley e Deisê: docentes adaptam projeto e o transformam em uma irônica e divertida websérie

Um projeto que começou a ser desenvolvido em 2019, e teve que ser reformulado por conta da pandemia, resultou na divertida websérie Shirley & Deisê, estrelada, respectivamente, pelas docentes Maria Falkenbach e Marina de Oliveira, dos cursos de Teatro e Dança do Centro de Artes da UFPel.

Conforme contam, a vontade de trabalharem juntas é antiga e a amizade já existia antes do projeto, mas a agenda e a rotina de trabalho não permitiam que fosse concretizado. Falkenbach explica que embora cada uma desenvolvesse atividades diferentes, a sintonia já existia em relação à dramaturgia, à dança, ao teatro e a sua dimensão política.

“Nós temos uma mesma graduação, nós duas somos formadas na UFRGS, no curso de Artes Cênicas, e tínhamos vontade de construir um trabalho juntas, um trabalho artístico, porque a gente entende que um trabalho artístico em Artes Cênicas depende de tempo de trabalho em conjunto”, salienta Maria.

Foi, em meados de 2019, que as agendas delas finalmente encontraram-se e dois projetos de pesquisa/extensão uniram-se: Janelas do Feminino, coordenado por Paulo Gaiger, hoje diretor da website, e Produção do Corpo-Sujeito nas Práticas de Dança, coordenado por Maria, com a colaboração de Marina. Logo após, a professora do curso de Cinema, Cíntia Langie, integrou a equipe.

A ideia inicial não era de uma websérie, mas de um trabalho presencial. No Núcleo de Teatro da UFPel, situado na antiga AABB, começaram os ensaios e a construção dos personagens e, a partir de improvisações, definiram que seriam retratadas duas trabalhadoras da limpeza de um Posto de Saúde. “Achamos que esse contexto permitiria que abordássemos de um modo interessante questões referentes ao feminismo, ao racismo, à homofobia, etc., numa linguagem não realista. Daí veio a pandemia e o trabalho foi redirecionado. Com cada um na sua casa, como dar sequência à pesquisa? Daí nasceu a ideia da websérie”, explica Oliveira.

Pandemia muda tudo

Com a pandemia, a alternativa foi transferir o projeto para o meio virtual. A vontade, segundo Falkenbach, era de não encerrar o processo que já haviam começado. Como nenhuma das duas tinha realizado um projeto nesse formato antes, enfrentaram desafios, experimentações e muitos aprendizados.

“Um salto no abismo. Um desafio. É uma alegria retomar o meu trabalho de atriz, que ficou alguns anos deixado de lado em função do mestrado, do doutorado, dos filhos e das demandas como professora na Universidade. A Maria é uma atriz experiente e uma grande parceira. O Paulo Gaiger é um diretor generoso. A Cíntia Langie, responsável pela montagem, é objetiva e atenta. Os discentes envolvidos na pesquisa, Ana Paula Ambrosano Ribeiro, Mariana Corrêa, Rayssa Fontoura (do cinema) e Karol Mendes (do teatro) são fundamentais para a produção dos episódios. Somos uma equipe”, ressalta Oliveira. Já, para Maria, a parceria firmada tem sido fundamental para a execução da websérie. “Tem sido ótimo trabalhar, é um momento de respiro nesse tempo tão doido que a gente está vivendo. É um momento de criação que a gente só se alimenta e em que uma estimula a outra. Não somente eu e a Marina, mas também o Paulo. (...) Eu gosto muito de trabalhar em parceria. Eu venho de teatro de grupo em que é a relação entre as pessoas, é a criação no coletivo que desafia e que produz”.

Processo de produção

As gravações ocorrem à distância, por meio das salas virtuais da Universidade, assim como os ensaios e toda a preparação da série. Segundo Marina, é um formato novo de linguagem para todos os envolvidos, mas que cresce a partir das dificuldades, dos pontos de tensão e das incertezas.

“Temos desafios em relação a questões técnicas, como internet que cai, falta de memória nos aparelhos celulares ou dificuldade de sincronizar as duas gravações (tarefa da Cíntia), quando uma gravação tem um tempo

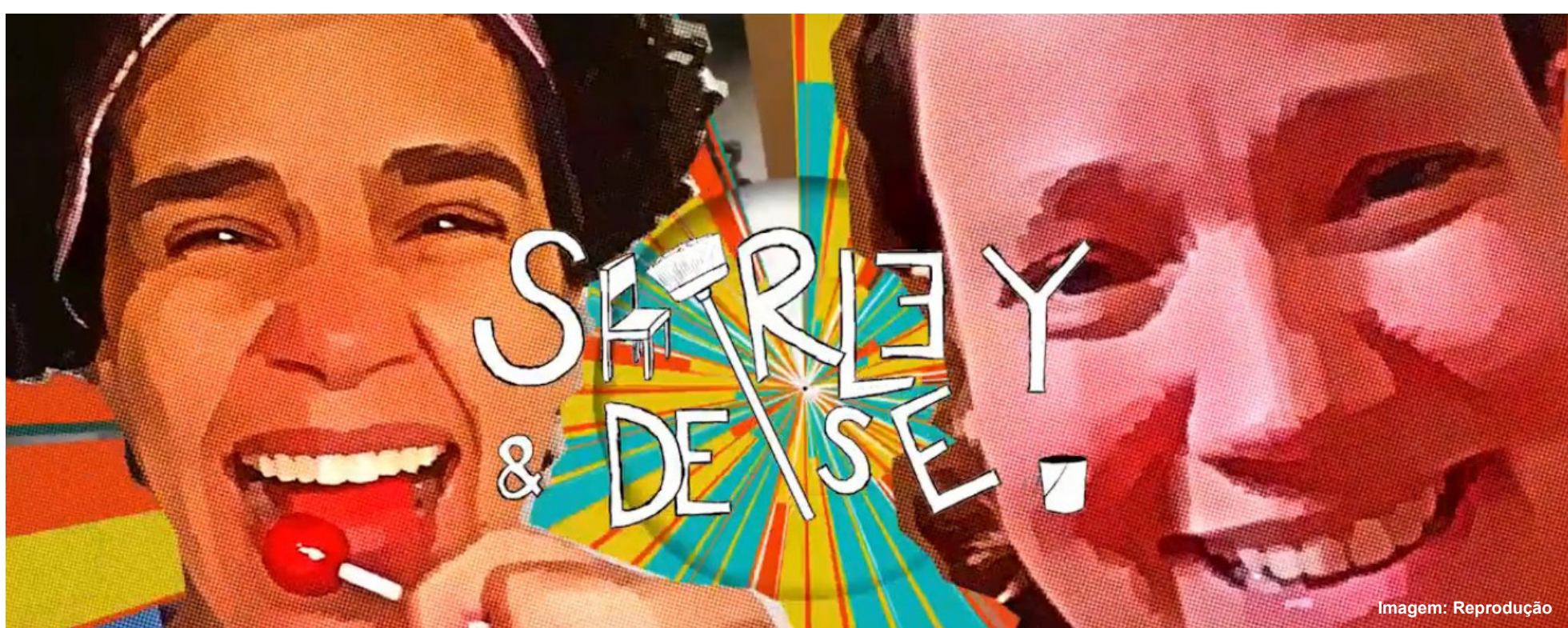
diferente da outra. E também dúvidas, incertezas em relação à dramaturgia e às personagens. Estamos Tateando, descobrindo, construindo juntos. Está tudo em construção. E todas as etapas constituem um percurso de pesquisa compartilhada. Acreditamos que a cada episódio as personagens ganham mais complexidade e tem sido prazeroso observar o desenvolvimento delas”, conta Oliveira.

Para Falkenbach, essa linguagem, além de trazer desafios, traz também contribuições para a formação dos alunos: “É importante, para nós, estar em cena, estar criando no momento que a gente está formando alunos, e até questionar para que os alunos também possam nos questionar. Isso é bem instigante e é muito importante a gente estar atuando em um momento em que a gente é formador também”.

A websérie

A série, produzida por professores e estudantes do Centro de Artes da UFPel, já conta com duas temporadas e está disponível no Facebook e Youtube. Ela busca mostrar o cotidiano de duas amigas que trabalham como faxineiras em Posto de Saúde e, por causa da pandemia, tiveram que se adaptar às novas ferramentas e conversar através de chamadas de vídeo. Os diálogos entre as duas são cheios de ironia. Neles, as duas tratam de assuntos do cotidiano, dão aconselhamentos e comentam fatos.

O Posto de Saúde foi escolhido como cenário fictício, conforme explica Maria, por ser um local onde as pessoas chegam fragilizadas. Ainda, a série busca atentar para a vulnerabilidade e a maneira como as trabalhadoras são tratadas pelo governo. “Esse governo trata de forma preconceituosa e destrói tanto artistas, professores, como essa classe mais baixa, uma classe mais baixa no sentido econômico. Na verdade, a ideia é ressaltar essa maravilha que somos nós, que são essas trabalhadoras, essas pessoas que vivem esse cotidiano e que têm uma sabedoria. A ideia é trazer esses temas a partir da perspectiva dessas mulheres, que são muito sábias”.



Cortes em Educação e Saúde: o Orçamento de Bolsonaro para 2021

Imagens: EBC e ANDES-SN



O governo federal enviou no dia 31 de agosto o projeto de Lei Orçamentária Anual (LOA) para o Congresso Nacional. O presidente Jair Bolsonaro propôs um corte de 8,6% nas verbas da Educação, de 12,3% na Saúde e de 27,7% na Ciência e Tecnologia, em relação ao já pequeno orçamento de 2020. Na contramão, o Ministério da Defesa deve ganhar 16% a mais que no ano anterior.

O presidente também não propôs aumento real algum no valor do Salário Mínimo. Corrigido apenas pela inflação, ele passará a ser de R\$ 1067 em 2021, um aumento de 22 reais. A LOA estima que o Brasil terá um rombo de R\$ 233,6 bilhões em suas contas no próximo ano.

A lei ainda tem que ser aprovada por deputados e senadores para passar a valer. Se votada sem modificações, significa que o Ministério da Educação passa a ter um orçamento de R\$ 19,955 bilhões, ante R\$ 21,837 bilhões em 2020. O caixa do Ministério da Ciência e Tecnologia terá R\$ 2,735 bilhões. No ano anterior, o valor foi de R\$ 3,78 bilhões.

A Saúde, linha de frente do combate à pandemia de Covid-19, também perderá um significativo valor. De R\$ 18,606 bilhões em 2020 para R\$ 16,348 bilhões em 2021. Outras pastas que terão redução orçamentária são: Cidadania, Desenvolvimento Regional, Justiça, Meio Ambiente e Turismo.

Por outro lado, as Forças Armadas passam a ganhar 11,738 bilhões, quando em 2020 tiveram orçamento de R\$ 10,105 bilhões. O Ministério das Minas e Energia terá um aumento previsto de 401%, de R\$ 1,011 bilhão em 2020 para R\$ 5,067 bilhões em 2021.

"O Teto dos Gastos, imposto pela Emenda Constitucional 95, impede o reajuste para além da inflação, mas não a redistribuição entre as

áreas, então o governo diminuiu a destinação àquelas que não são prioridade para sua política e ampliou os investimentos naquelas com as quais tem sua pauta comprometida. Retirou recursos das áreas que estão se mostrando essenciais no combate à pandemia, como o SUS, a Educação e as pesquisas públicas", observou Antonio Gonçalves, presidente do ANDES-SN.

Reformas e privatizações

Durante a apresentação do PLOA 2021, o secretário especial da Fazenda, Waldery Rodrigues, disse que no próximo ano não haverá contingenciamento no orçamento e que o governo está alocando as despesas primárias de forma a atender o teto de gastos.

"Conseguimos fazer um ajuste fiscal importante em 2019, porém insuficiente para trazer equilíbrio, temos que continuar com essa agenda e essa agenda tem que se basear, fundamentalmente, em reformas estruturantes, quer seja a do Pacto Federativo, mais o fast tracking e a desestatização, a reforma tributária, o programa de concessão e privatizações é importante", afirmou o secretário do governo. O secretário especial da Fazenda disse ainda que é preciso dar ênfase aos investimentos privados, nas medidas de fomento para os Mercados de Capitais e ressaltou a importância da reforma Administrativa. "A solução é um Estado eficiente, com políticas focalizadas que permitam trazer a participação do setor privado", acrescentou.

Barrar ataques e os desmontes

Para o presidente do ANDES-SN a alocação de recursos no PLOA e a fala dos representantes do governo demonstram que "em 2021, vão intensificar as políticas de desmonte do Estado e dos serviços de atendimento à população, para

favorecer as privatizações e áreas que venham a contribuir com o projeto de poder do presidente, que passa pela sua reeleição em 2022".

Gonçalves reforça que é fundamental lutar para reverter a política de desmonte do Estado e pressionar os parlamentares para garantir mais recursos para áreas essenciais como Saúde e Educação, em especial, nesse momento em que ainda estamos enfrentando a pandemia da Covid-19. "É impossível pensar a Saúde e a Educação funcionando minimamente em 2021 sem investimento adequado", acrescenta.

"Além disso, precisamos lutar contra essa campanha de ataques aos servidores públicos e reafirmar para o conjunto da população que, sem servidores, não existem os serviços públicos que atendem, em especial, a parcela mais pobre e excluída da nossa sociedade", conclui.

